

Marcílio Moreira acha que sucessão influirá no problema da dívida

O vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, disse ontem que deverá pesar muito mais sobre os novos rumos e condições de negociação da dívida externa brasileira, em novembro deste ano, o fator político, ou seja, o desenvolvimento do quadro sucessório, do que o desempenho econômico do país.

Segundo Marques Moreira, que chegou semana passada de uma viagem à Europa que durou cerca de um mês, tendo visitado os principais centros financeiros europeus e as grandes corporações fabris, os banqueiros estrangeiros estão extremamente interessados na definição do quadro político brasileiro, pois dependendo de quem seja o novo Presidente, a partir de 1985, as condições de pagamento da dívida externa poderão ser mais ou menos favoráveis ao Brasil.

— A questão econômica, no momento atual — frisou ele — se encontra em um segundo plano, já que o Brasil melhorou muito sua imagem no exterior, nesse aspecto. Além de vir apresentando ótimos superávits comerciais, devendo até mesmo chegar aos 12 bilhões de dólares ao final do ano, o País está com o balanço de pagamentos mais equilibrado, tem reservas (cerca de 3,5 bilhões de dólares) e a inflação está mais estável, apesar de ainda se encontrar em patamar muito elevado.

Observando a sucessão

Já quanto à questão da sucessão presidencial, que ainda é uma incógnita, tanto para os brasileiros como para os observadores internacionais, os banqueiros estrangeiros, segundo o vice-presidente do Unibanco, estão “torcendo por sua solução sólida, que tenha respaldo político interno, isto é, que seja aceita pelo público brasileiro, para que o novo Governo tenha condições de tomar as medidas econômicas e sociais necessárias à reativação da economia e à continuidade do ajustamento das contas externas”.

Se for considerado que em novembro o País se encaminha para essa solução mais consistente do lado político, Marques Moreira acha que o Governo brasileiro, na ocasião, poderá obter bons resultados na negociação da dívida externa. De parte dos banqueiros europeus, aliás, mais abertos aos problemas das dívidas do Terceiro mundo que os americanos, não existem restrições à idéia de capitalização dos juros. Muitos dos dirigentes dos bancos europeus vêem também com bons olhos uma solução mais abrangente para o pagamento dessas dívidas, que inclua dois ou três anos de amortizações do principal, ou seja, aceitam planos plurianuais de pagamento.

Mas essa solução mais abrangente, com prazos de pagamentos maiores para as amortizações e juros menores, além de taxas de risco (spreads) também mais reduzidos, tem maior possibilidade de ser obtida, de acordo com o vice-presidente do Unibanco, se o novo Presidente do País for dotado de credibilidade internamente e no exterior.

Também preocupa muito os banqueiros alemães, franceses e ingleses, de acordo com Marcílio Marques Moreira, a capacidade de os brasileiros suportarem mais alguns anos de recessão profunda. Até mesmo no exterior, acentuou, existe uma percepção de que a queda na qualidade de vida dos brasileiros está chegando a um nível insuportável e que para se evitar um choque social é preciso lutar por uma recuperação econômica mais consistente do que a que vem sendo apresentada nos primeiros meses deste ano.

A necessidade da reativação econômica, disse também Marques Moreira, é ainda mais urgente, porque o Brasil precisa entrar no ritmo da economia mundial, que no momento é de recuperação. Os ciclos econômicos são curtos e é preciso, portanto, “pegar o trem a tempo”.

Hoje, explicou ele, somente os países da África e da América Latina ainda estão enfrentando um período de recessão. A Europa, os Estados Unidos, o Japão, e os demais países da Costa do Pacífico estão saindo da crise, com taxas de crescimento econômico, dependendo de cada país, que vão de 1% a 10%.

Arquivo



Marcílio M. Moreira

1984

JUL

6